

Por que traduzir Peter Barthel?

Amarilys de Toledo Cesar^a

Conhecer Peter Barthel no Congresso da LMHI, em 1993, foi uma dessas felizes coincidências que dão qualidade e sabor à nossa vida. Uma casual troca de cartões fez com que eu fosse procurada, no dia seguinte, e indagada sobre a possibilidade de ajudar na obtenção de plantas brasileiras. Pensei que se tratasse do envio de pequenas quantidades de planta seca, ou mesmo de tintura ou trituração, como já havia acontecido anteriormente, quando então troca-se material disponível em diferentes regiões do planeta. Mas minha surpresa foi maior quando Barthel afirmou que ele próprio viajaria para o Brasil, para a área de ocorrência da planta, para produzir, ele mesmo, suas triturações. Com elas, seguiria dinamizando potências cinquenta-millesimais, sempre elaboradas com material fresco, logo após a coleta em seu “hábitat”. Seus padrões de qualidade são tão rígidos que só aceitava as próprias triturações, feitas no máximo uma hora após a coleta. Na época, concluía as três triturações no máximo em 24 horas. Posteriormente decidiu fazer apenas duas triturações no local, deixando a terceira para um ambiente mais controlado, o que melhorou a conservação de suas triturações.

Viajando com Barthel pude vivenciar a necessidade de buscar com antecedência o máximo de informações sobre o material a ser coletado. Se não fizermos isso, corremos o grande risco de viajar ao local e não encontrar a planta; ou de ter de retornar na época correta de floração, frutificação, seja qual for a parte usada que se está buscando. Dados incompletos podem gerar dúvidas, e freqüentemente é impossível fazer consultas quando se está em viagem de campo. Outras dificuldades inesperadas surgiram: por exemplo, como coletar amostras de folhas ou flores da copaíba, uma árvore com copa muito alta? Ou o que fazer ao encontrar as árvores desejadas queimadas por fogo?

A persistência do pesquisador também foi motivo de observação e aprendizado. Triturar cada substância

coletada durante três horas, em prazo máximo de 24 horas, requeria muita força de vontade. Anotações cuidadosas eram feitas. Fotos tiradas em 1994 foram completadas por outras atuais: uma década permitiu que equipamentos mais novos produzissem diversas imagens detalhadas e de melhor qualidade, com a finalidade de documentar as substâncias que dão origem aos medicamentos homeopáticos.

Essas viagens por São Paulo e Mato Grosso, separadas por uma década, entremeadas de muita conversa e discussões sobre plantas e homeopatia, tiveram para mim um significado insubstituível sobre qualquer aprendizado formal.

Privilégio também foi traduzir e publicar seus dois artigos anteriores na revista da Associação Paulista de Homeopatia. Este terceiro, mais completo, não é recente, mas foi atualizado através de diversas anotações incluídas pela oportunidade de muitas horas de conversa, assim como comentários que detalham ou comparam pormenores da experiência brasileira.

O desafio atual de Barthel é publicar parte da documentação que produziu durante mais de dez anos de estudos e viagens por diversos países ao redor do mundo. Começou a trabalhar também plantando espécies que produzem medicamentos homeopáticos, com o objetivo de que outros as observem. Conhecendo seu trabalho mais de perto, agradeço por sua disponibilidade em prol da homeopatia e pelo privilégio de ter compartilhado de seu conhecimento. É impressionante a quantidade e profundidade de informações novas para a maioria dos homeopatas. A publicação deste artigo não é importante apenas para quem se dedica às cinquenta-millesimais, mas a qualquer homeopata – clínico ou farmacêutico – que se interesse e se importe com a qualidade dos medicamentos homeopáticos.

a. Farmacêutica sanitarista e homeopata, mestre e doutora em Saúde Pública (FSP-USP 1990 e 1999), docente da EPH, diretora técnica científica da HNCristiano laboratório e farmácias.